

## **PRÁTICAS DE LAZER E SOCIABILIDADE NA BELÉM DO PARÁ DOS ANOS DE 1920**

**Recebido em:** 24/11/2019

**Aprovado em:** 15/05/2020

Licença: 

*Wellington da Costa Pinheiro*<sup>1</sup>

*Douglas da Cunha Dias*<sup>2</sup>

*Lucília da Silva Matos*<sup>3</sup>

*Mirleide Chaar Bahia*<sup>4</sup>

Universidade Federal do Pará (UFPA)  
Belém – PA – Brasil

**RESUMO:** Este estudo objetiva investigar as práticas de lazer e sociabilidade na cidade de Belém - PA dos anos de 1920, destacando as práticas, espaços, sujeitos e sentidos do lazer e sociabilidade de um período no qual a capital paraense usufruía de um conjunto de transformações decorrentes da economia da borracha. A pesquisa é de cunho histórico, documental e à luz da História Cultural. As fontes documentais foram os impressos “A Semana: Revista Ilustrada” e “Belém Nova”. A análise das fontes evidenciou que as manifestações de lazer e sociabilidade eram vivenciadas em festas, festivais, clubes, teatros, cinemas e nos passeios em meio à natureza pela elite como entretenimento e aproximação com os valores europeus; já as expressões populares de lazer foram encontradas em número menor nessas revistas, e distanciavam-se dos refinados espaços privados da cidade aparecendo com sentido de participação, diversão e celebração da cultura popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Sociabilidade. Cidade e Natureza.

### **LEISURE AND SOCIABILITY PRACTICES IN BELÉM-PARÁ OF THE 1920s**

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Educação Física – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará. Doutor. Pesquisador colaborador do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Política Pública de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Pará.

<sup>2</sup> Docente da Faculdade de Educação Física – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará. Doutor. Coordenador da Pesquisa “Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer”, do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Política Pública de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Pará.

<sup>3</sup> Docente da Faculdade de Educação Física – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará. Doutora. Coordenadora e pesquisadora do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Política Pública de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Pará.

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará. Doutora. Pesquisadora e Coordenadora adjunta do Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Política Pública de Esporte e Lazer da Rede Cedes do Pará.

**ABSTRACT:** This study aims to investigate the leisure and sociability practices in the city of Belém - PA in the 1920s, highlighting the practices, spaces, subjects and meanings of leisure and sociability of a period in which the capital of Pará enjoyed a set of transformations resulting from the economy of rubber. The research is of a historical, documentary nature and in the light of Cultural History. The documentary sources were the printouts “A Semana: Revista Ilustrada” and “Belém Nova”. The analysis of the sources showed that the manifestations of leisure and sociability were experienced at parties, festivals, clubs, theaters, cinemas and on walks in the middle of nature by the elite as entertainment and approximation with European values; popular expressions of leisure were found in a smaller number in these magazines, distanced themselves from the refined private spaces of the city and appeared with a sense of participation, fun and celebration of popular culture.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Sociability. City and Nature.

## **Introdução**

Erguida no seio da floresta amazônica e circundada por rios, a cidade de Belém do Pará tem a natureza como um de seus elementos característicos. Sob a forma de corredores de mangueiras que resistem ao tempo, passando pelas águas barrentas da Baía do Guajará que lhe fazem horizonte, bem como pelos braços de rios, igarapés e pequenos furos que recortam sua geografia, compondo um total de 14 bacias hidrográficas, cidade e natureza formam um amálgama que vem sendo construído ao longo do fio da história. Conhecer Belém, portanto, implica pensar-lhe natureza e cidade, que, lado a lado, fazem a capital paraense, em pleno século XXI, debater-se entre o bucólico e o sonho de uma modernidade há muito prometida.

A cidade de Belém, assim como outras cidades, é complexa, cheia de contrastes e se transfigura nas dinâmicas entre os agentes sociais e os espaços, em um movimento que se caracteriza pela apropriação de seus recursos ou sua ocupação, atrelado às rivalidades, tensões e especificidades do local e de seus indivíduos, afetando assim sua organização social por meio do “[...] ritmo acelerado da urbanização [...] reordenamentos espaciais e sociais, representados por novos espaços de lazer para a

população residente e para os visitantes” (BAHIA; FIGUEIREDO, 2008, p. 2). Logo, as alterações das áreas da cidade refletem no modo que os indivíduos se socializam nesses novos ou ressignificados espaços de lazer. Portanto, a compreensão do percurso das práticas recreativas/de lazer em determinados períodos, concomitantemente se assimila as inter-relações de sociabilidade entre os sujeitos e o ambiente.

Sociabilidade, aqui, compreendida a partir da noção de Simmel, como sendo a “[...] forma lúdica de sociação, entendendo a forma como os indivíduos se encontram na intenção de satisfazer seus interesses, no qual forma e conteúdo são processos indissociáveis na experiência concreta” (SIMMEL, 2006, p. 65). Assim, a sociabilidade está presente nas mais variadas e diferentes situações tais como: “[...] reuniões econômicas, irmandades de sangue, comunidades religiosas, bandos de bandidos” (SIMMEL, p. 64), que embora tenham interesses e motivações bastante diferentes e específicas, estabelecem o que é fundamento da sociabilidade.

Mas, sobre qual Belém se está a refletir? Uma Belém das chuvas quase cotidianas e que ainda provocam alagamentos em pleno século XXI? De uma capital que, entre as demais do Brasil, é a quarta mais carente no que diz respeito aos serviços de abastecimento d’água, coleta de resíduos sólidos e tratamento de esgotos, conforme indica o *Ranking* da Universalização do Saneamento 2019, elaborado pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental?<sup>5</sup> Basta um olhar atento à avenida “Perimetral da Ciência”, que dá acesso à Universidade Federal do Pará, local onde trabalhamos ao Campus de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi e à Universidade Federal Rural do Pará: os que residem na extensa área de ocupação ali situada vivem em condições sub-humanas. Ironicamente, a avenida cujo nome evoca a ciência, vê os que

---

<sup>5</sup> Sobre o tema, acessar [http://abes-dn.org.br/pdf/Ranking\\_2019.pdf](http://abes-dn.org.br/pdf/Ranking_2019.pdf)

às suas laterais amontoam-se, alijados do saber, da esperança e dos sonhos, do direito à educação e à saúde de qualidade, ao lazer, bem como das condições mínimas necessárias àquilo que costumamos (ou teimamos?) chamar, humanidade.

Movido por inquietações do contexto atual, o artigo, ora em preâmbulo, se debruça sobre uma Belém dos tempos idos, pensando-a a partir das relações entre cidade, natureza e práticas de lazer e sociabilidade nas primeiras décadas do século XX. Nesse contexto, a capital paraense vivia os reflexos das significativas transformações urbanas e de valores culturais que circularam no Pará, em especial, em Belém, proporcionados pela larga produção, extração e comercialização internacional do látex a partir da metade do século XIX até por volta da primeira década do XX, caracterizando a chamada *Belle Époque* (SARGES, 2010).

O conjunto de transformações ocorridas no processo de remodelação espacial de parte da cidade de Belém, com pretensão urbanizadora e profilática, teve forte influência de valores urbanos europeus, inclusive, nas manifestações culturais populares. A cidade toma impulso como centro urbano e vive grande desenvolvimento econômico, recebendo diversas reformas urbanísticas e a implantação de equipamentos urbanos, objetivando o embelezamento e a modernização de serviços, avenidas, praças, bosques, entre outros. Belém passa a ser o centro do negócio em torno do comércio do látex, o centro do ócio, da diversão e local de moradia (MATOS, 2010).

As políticas urbanas foram intensificadas e definidas com base na ideologia do progresso, baseada no modelo europeu de modernização urbana, que orientava a ação das elites locais como se fosse expressão do interesse de todo um coletivo. A elite necessitava afirmar o seu poder e sua aproximação com a cultura européia burguesa (SARGES, 2002), o que foi possibilitado pela criação e reforma de edificações e áreas da cidade, que fez dessa um espaço para a vivência de uma infinidade de práticas e manifestações de

lazer.

A movimentação da cidade de Belém como fomento de diversão e de eventos caracterizava-se como objeto de atenção dos diferentes governadores, prefeitos e administradores à época, que se preocupavam com a promoção de festivais, espetáculos, distrações e grande acontecimentos que favorecessem a vida pública e a convivência “ordeira” nos espaços da cidade de Belém (DAOU, 2004), habitado por uma elite que ansiava por espaços de socialização e lazer.

Salienta-se que na Belém, desse período, notavam-se traços semelhantes ao caráter compulsório da *Belle Époque* brasileira (SEVCENKO, 2010), revelando que nesse processo uma educação para a vida em meio à natureza – enquanto componente da paisagem urbana como lugar de visitação, restauração de energias, contemplação e recreios – estava em curso, mas longe ainda de se consolidar. Com efeito, pode-se afirmar que a cultura urbana posta em curso pela *Belle Époque*, enquanto construção histórica guarda “[...] as marcas do seu tempo [e transformou] as relações cidadinas no que diz respeito ao mundo natural, bem como às sensibilidades e interações entre o espaço urbano e as sociabilidades” (DIAS, 2016, p. 234-235). Nesse sentido, passeios e eventos públicos de sociabilidade eram carregados de pedagogias que incluíam regras de etiqueta e civilidade, atenção aos pudores e cuidados com o recato, bem como postura corporal e a demonstração de comportamentos civilizados à moda européia.

A partir desse cenário, a presente pesquisa objetiva investigar as práticas de lazer e sociabilidade na cidade de Belém do Pará dos anos de 1920. Convém evidenciar que ao longo desse estudo será utilizado o termo lazer para fazer referência às atividades realizadas no tempo livre pelos sujeitos à época, com a ciência de que esse somente, em 1930, foi inserido por Claude Augé em seu “Dictionnaire”, enquanto verbete para conceber “[...] distrações, ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar de

espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho” (GOMES; MELO, 2003, p. 25).

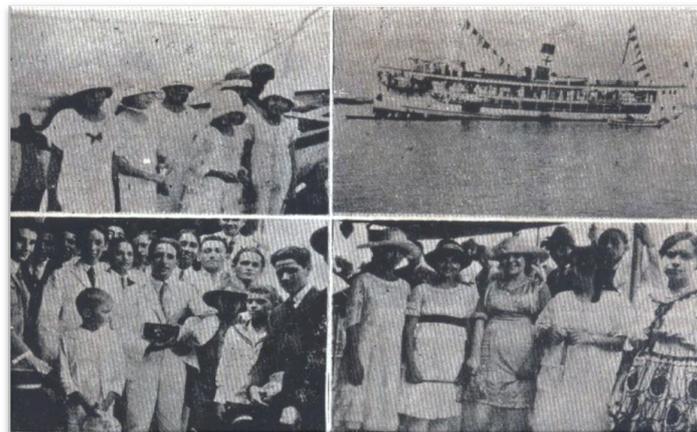
A pesquisa se caracteriza como histórica e documental, tendo como pressuposto teórico a perspectiva da História Cultural, que se dedica a compreender as diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas inteiras (BURKE, 2008). O *corpus* do estudo foi construído a partir da catalogação e registro das práticas de lazer na cidade de Belém/PA (década de 20), no acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), especificamente, no setor de Obras do Pará, e centrou-se nas revistas “A Semana: Revista Ilustrada”, que de 1919 a 1942 foi o maior impresso em circulação da região, abordando generalidades do Estado e do Brasil; e a revista “Belém Nova”, que circulou de 1923 a 1929, noticiando as manifestações artísticas regionais paraenses. Acredita-se que tais fontes documentais contribuem para investigar a “arqueologia da vida cotidiana” (GARCIA; ARAGONES, 1993, p. 528), tendo como foco as práticas, espaços, sujeitos e sentidos do lazer e sociabilidade da capital do Estado do Pará do período aqui já evocado.

### **Festas, Festivais e Folguedos Populares na Belém dos Anos de 1920**

No levantamento e análise realizada nas revistas “A Semana” e “Belém Nova”, o tema das festas e festivais foi a prática de lazer mais identificada nesses impressos, encontrando-se registros de festas cívicas, festejos populares, festivais esportivos, festivais artísticos, festas organizadas por clubes e por outras entidades. Como promotores dessas comemorações, destacavam-se os clubes do Remo, Paysandu *Sport Club*, Tuna Luso Comercial, *Sport Club* do Pará, *Club* dos Diários, *Pará Club*, Brasil *Sport Club*, *Yole Club*, Alemquer *Sport Club*, *Club* dos Aliados, *Club* dos Fazendeiros, Assembleia Paraense, entre outros.

Notou-se que há registros dessas festas e festivais ao longo de todo ano. O impresso “A Semana”, de janeiro de 1920, por exemplo, anunciou ter ocorrido aquilo que chamou de uma “[...] das festas mais requintadamente elegantes e distintas do fim do anno que passou, foi inegavelmente o ‘five.o.clock-tea’ com que os bacharéis festejaram no dia 25 de dezembro, sua formatura”(A SEMANA REVISTA ILUSTRADA, n. 92, 1920, p.7). Nesse mesmo ano, a revista, na seção “Vida Esportiva”, trouxe o registro dos “Aspectos da festa náutica realizada pelo Conselho de Regatas, no dia 14 do corrente” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 114, 1920, p. 14), mostrando as pessoas da sociedade que foram prestigiar o charmoso evento esportivo marítimo, conforme Figura 1.

**Figura 1: Cenas da Festa Náutica do Conselho de Regatas.**

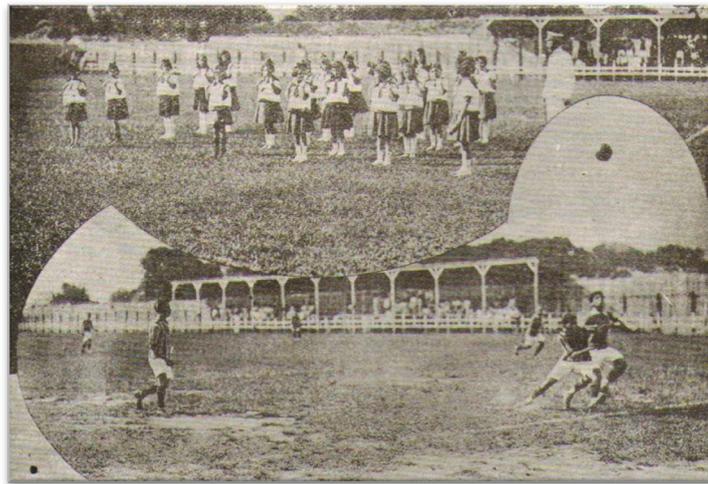


FONTE: “A Semana Revista Illustrada”, n. 114, 1920, p. 14

A revista “A Semana”, em setembro de 1920, noticiou o festival de caridade “Firmeza e Caridade: bella festa sportiva”, realizado no campo do Clube do Remo, para angariar fundos para as escolas mantidas pela loja maçônica “Firmeza e Caridade.” O evento também apresentou caráter cívico – patriótico, sendo prestigiado por famílias que vieram assistir à programação e aproveitar o dia para usufruir do clube. O festival iniciou com um jogo de “foot-ball” e no intervalo “[...] um grupo de interessantes

creanças entoou o hino à bandeira, depois de fazer demonstrações de gymnastica sueca entusiasticamente applaudidas pela assistência” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 129, 1920, p. 17).

**Figura 2: “Foot-ball” e a “gymnastica” no Festival Firmeza e Caridade.**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 129, 1920, p. 17

Ainda nesse mês e ano, a revista “A Semana” publicou uma fotografia (Figura 3), cuja legenda dizia: “Dois aspectos do festival d’ A Semana, no elegante Palace-Theatre, vendo-se á direita a distincta assistência e á esquerda o acto do sorteio dos prêmios destinados áquelle fim” (A SEMANA REVIISTA ILLUSTRADA, n. 127, 1920, p. 11). Podemos verificar pela fotografia que a plateia do teatro está praticamente lotada por pessoas bem trajadas e de várias idades, que estavam prestigiando o festival realizado pelo mesmo impresso jornalístico que o divulgou, revelando que “A Semana Revista Ilustrada” também promovia momentos de lazer, com espetáculos teatrais, músicas e sorteios para sociedade belenense.

**Figura 3: Festival da Revista A Semana.**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 127, 1920, p. 11

A revista “Belém Nova” registrou a realização de um “Festival Attrahente” de teatro, a ocorrer no mês de junho de 1924: “[...] será no próximo dia 15 do mez entrante que estreará o grupo artístico Leopoldo Fróes. Informa-se que o referido festival acontecerá no confortável Theatro Morderno [...]” (BELÉM NOVA, n. 15, 1924, p.6). Notícia-se que o festival era em benefício de várias instituições de caridade, justificando a sua recomendação para os leitores da revista, pois quem participasse estaria contribuindo para uma causa nobre, expressando ser o caráter beneficente um dos motivos para a realização dos festivais, que com a ideia de ajuda aos mais pobres, também acabava servindo para socialização e lazer dos participantes.

Em 1925, a revista “A Semana”, divulgou o “Grande Festival Yati – Yara”, a ser realizado no imponente “Theatro da Paz”, cujo nome do espetáculo vem dos dançarinos que o estrelam. Os artistas fariam sua última apresentação na cidade de Belém, que foi muito apreciada pelo público em virtude do “grandioso espetáculo choreographico” que encenam, destacou o impresso. O “Bello festival, que apresenta um magnífico

programa, -é em homenagem ao illustredr. Dionysio Bentes” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 354, 1925, p. 46), que era o governador do estado do Pará, a época.

A revista “A Semana”, publicou em 1921, com o título “Notas Elegantes”, fotografias de um elegante evento que foi oferecido aos frequentadores do “Pará Clube”. Tal evento consistia em um original “Chá Dançante”, por ocasião das classes armadas, que se encontravam estacionadas em Belém. O Chá foi realizado no Quartel-General e em homenagem especial ao “[...] Dr. J.J. Seabra. O illustre homenageado aparece na primeira gravura, ladeado pelo general Clodoaldo da Fonseca, senhoras e senhorinhas; (à esquerda) um aspecto das danças” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 184, 1921, p. 10).

**Figura 4: Chá Dançante para os frequentadores do “Pará Clube”.**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 187, 1921, p. 1

Ao fazer referência a uma das festas que ocorreria no “Pará Club”, a revista “Belém Nova”, de julho de 1924, ilustra toda a grandeza e requinte desse tipo de comemoração nos espaços privados da cidade de Belém: “Os aspectos dos salões deslumbravam. [...] os cavalheiros elegantes convidados para a festa luxuosa (...) depois a ceia, alegre e vasta, os vinhos finíssimos acordavam reminiscências de antigos *flirts* [...]” (BELÉM NOVA, n. 18, 1924, p. 16). Esses eventos tinham traços de alto grau de formalidade, apresentando elementos das festas de gala de imponentes e belos salões,

cujo luxo, requinte e organização são marcantes, reforçando o entendimento desses espaços como não acessíveis a todos, mas sim destinados a um seletivo grupo que compunha a elite belenense.

As festas e bailes de carnaval são práticas bastante identificadas nas fontes investigadas, estando presente tanto nas ruas quanto nos principais clubes da cidade. As revistas anunciavam a programação carnavalesca antecipadamente, assim como narravam em palavras e imagens os bailes realizados, destacando a grandiosidade dos mesmos, tal como no “[...] imponente baile de máscaras com que o Sport-Club rendeu culto ao deus da Alegria [...] Nos salões povoados de rumor, onde as harmonias da música se casavam ao chocalhar dos guisos e a orquestração suave de sorrisos doces [...]” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 99, 1920, p. 8).

Ao noticiar “[...] as reminiscências do último carnaval”, mereceu destaque um grupo de “[...] Girls que tomavam parte em um dos últimos ‘cursos’ da Praça da República [...] florindo com seus encantos o bello carro allegorico do Grêmio Lusitano” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 362, 1925, p. 39). A riqueza e padronização das fantasias utilizadas pelas moças e crianças, que desfilaram no carro alegórico do clube “Grêmio Lusitano”, mostram todo o glamour desse desfile carnavalesco, como evidencia a figura 5:

**Figura 5: Belas garotas do Carnaval de 1925.**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 362, 1925, p. 39

Convém ressaltar que não se identificou registros de manifestações de carnaval de cunho mais popular nas revistas “A Semana” e “Belém Nova”, embora se saiba que nos bairros periféricos haviam bailes e desfiles promovidos por seus moradores, bem como que pessoas vinham às áreas centrais da cidade para assistirem aos desfiles. Costa (2016) pontua que a centralidade do carnaval, enquanto festa de grande popularidade, na vida cultural de Belém se fez presente em muitos momentos da história da cidade, quando se observa os diversos espaços nos quais as pessoas se reuniam durante o “Reinado de Momo” para se divertirem. O Largo da Pólvora, mais tarde conhecido como Praça da República, foi durante o século XX, o lugar de convergência da maior parte de blocos e escolas de samba da cidade.

Os festejos ou festas juninas são comemorações também encontradas nas fontes pesquisadas, principalmente, pelo seu caráter popular e de diversão nos bairros, ruas e vilas. Dizia-se então que a época de festas juninas, “[...] nos domínios do folk-lore”, traz o “boi ‘Flor da Campina’, com os seus brincantes (direita) e “O grupo do boi Canário” (esquerda), os quais “[...] têm feito as delícias do povo durante as festas joanninas de 1920” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 117, 1920, p. 18).

A tradição cultural das brincadeiras de “Boi” está desde sua origem vinculada ao povo, pois nasce das manifestações de batuques e de toadas de escravos, surgindo na noite de santo, quando os primeiros colonos “[...] acenderam as primeiras fogueiras no vale amazônico” (CRUZ, 1944, p.126). Na fotografia do “Boi Flor da Campina” e do “Boi Canário” chama atenção as indumentárias bem elaboradas dos seus brincantes, cada qual representando um personagem do enredo. Além disso, destaca-se a presença

de populares observando esse folguedo, cuja alegria envolve tanto os que brincam quanto os que assistem à brincadeira de boi.

**Figura 6: “Boi Flor da Campina” e “Boi Canário”**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 117, 1920, p. 18

Em Belém, há relatos da presença dos folguedos de boi nos finais do século XIX, configurando-se como uma espécie de “autopopular”, por ser um cortejo e apresentação satírica ao livre, com a participação, predominante, de populares, que brincavam e se socializavam pelas ruas entre toadas, batuques e encenações, que reproduziam tipos sociais ligados ao processo de colonização, revestindo-se de ironia, “[...] uma vez que a dramatização e o desfecho da peça se caracterizavam pelo desafio empregado pelos personagens ligados à escravidão, ao branco colonizador, proprietário do boi e da fazenda” (DIAS JR 2009, p.90).

Em maio de 1920, a revista “A Semana” apresentou uma seção intitulada “Festas Populares”, a qual trouxe registros fotográficos “[...] da tradicional festividade do mestre Martinho no Umarizal, o popular velhinho que não cansa” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 126, 1920, p. 27), noticiando uma das mais tradicionais e conhecidas festividades populares do período, realizada por “Seu Martinho”, o senhor fotografado no terceiro quadro da Figura 7, “velhinho incansável”, já na faixa dos oitenta anos.

Ao todo, o festejo do “Mestre Martinho” tinha duração de quinze dias e contava com a participação de pessoas dos mais variados bairros. Apresentava dimensão de celebração religiosa com procissões e rezas, mas também de bailes, brincadeiras, danças e jogos, que divertiam os populares (SALLES, 2005). Dessa festividade, posteriormente, foram criados grupos de bois, pastorinhas e de sambas que se espalharam para além dos limites do bairro do Umarizal, fazendo parte da história das tradições dos folguedos populares da cidade de Belém.

**Figura 7: Retratos da Festividade Popular de Seu Martinho.**



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 126, 1920, p. 27

Na revista “Belém Nova”, no ano de 1924, também foi encontrada informações sobre as festas populares juninas. O caráter popular dessas manifestações é destacado pelo próprio impresso, quando ressalta que “[...] os festejos joanninos são os festejos do povo” (BELÉM NOVA, n. 17, 1924, p.12), referindo-se a uma comemoração realizada em via pública, especificamente, “[...] no Umarizal, o bairro por excellencia onde o povo sabe festejar os santos populares, sendo mais encantadoras as festas [...]” (Idem). Além das festas, mencionava-se a realização das chamadas “Kermesses”, feitas em praça, entorno de igrejas ou vias públicas, destinadas para venda de comidas, bebidas, utensílios, artesanatos, bem como para brincadeiras e jogos do período. Os

frequentadores aproveitavam para passear e conversar, ou seja, se socializar, sendo “Kermesse da João Alfredo” uma das mais visitadas e tradicionais do centro da cidade.

No mês de outubro, as revistas “A Semana” e “Belém Nova”, comumente, fazem referência ao “Arraial de Nazaré”, festividade que durava quinze dias após a procissão religiosa do Círio de Nazaré. Em 1921, a revista “A Semana” descreveu que a tradicional festa transformava “[...]a silenciosa Praça Justu Chermot num pronto de atrações inúmeras, ruidosamente procurado pelos que disputam horas deliciosamente perduráveis (...)” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 183, 1921, p. 14). Vendas, brincadeira, teatro, banda de música, carrossel, sorteios e leilões compunham as atrações dessa festa. Pessoas de todo tipo, ricos, pobres, homens, mulheres, negros, brancos e mestiços transitavam pela praça. Embora aberto a todos, “[...] o arraial é sempre destinado a distrahir plenamente quem se dispunha a gastar alguns cobres nos entretenimentos instalados, variadamente, em toda a praça e nas magnificas avenidas Ideal e Popular [...]” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 183, 1921, p. 14).

A Festividade de Nazaré oportunizou a elite local desfrutar de mais um espaço de sociabilidade, por meio da vivência da fé e da festa, assim como de marcar novos jeitos de se vestir, de se comportar, de demarcar seu poder, mas também de se apropriar de parte dos costumes populares. Para a população pobre, a festividade possibilitou a assimilação de certos “[...] comportamentos, burlar algumas normas e inscrever suas práticas culturais, impregnando estes rituais com suas expressões culturais específicas [...]” (MATOS, 2010, p. 59).

### **Passeios em Bosques, Praças, Praias e Rios: Vivências Junto à Natureza Como Complemento à Vida Urbana**

Os passeios de lazer em espaços públicos e ao ar livre também são práticas muito noticiadas nas revistas. Eles aconteciam, geralmente, em praças, bosques e praias. Nesses locais, observava-se a presença de pessoas de diferentes idades e com objetivos diversos, que poderiam ser de caminhar, tomar sol, banhar-se, brincar, almoçar, fazer pic-nic, entre outras atividades de ocupação do tempo livre. Primava-se por espaços e localidades que favorecessem o contato com natureza.

O Bosque Rodrigues Alves, situado no centro da cidade de Belém, era um dos locais mais frequentados pelas belenenses no recorte temporal em tela, não por acaso a revista “A Semana”, publicava, frequentemente, uma coluna nomeada “O Bosque aos Domingos”, com a finalidade de narrar os acontecimentos e retratar em imagens seus visitantes. O espaço era considerado um refúgio da monotonia da cidade, a linda mansão das árvores, que “[...] passou a ser, aos domingos a nossa feira de alegrias, o refúgio dos que durante a semana andam doentes de tédio, por falta de um lugar delicioso e concorrido, onde se possa espairer” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 180, 1921, p. 15), expressando novos contornos na relação cidade e natureza, uma das marcas desse período.

A criação do Bosque Rodrigues Alves, como parque municipal se deu em 25 de agosto de 1883, possuidor de uma área de 15 hectares, distribuído em quatro quadrantes com 112 canteiros (MIRANDA, 2009). Sua origem está “[...] interligada aos ideais progressistas do século XIX, que valorizavam a natureza como expressão de progresso e higiene” (CORREA, 2014, p. 1), pois a sua rica vegetação, o seu arejamento e ar puro, consistiam em características essenciais para saúde das pessoas, de acordo com os preceitos higienistas. Portando, pode-se entender esse espaço tanto com a função de área de lazer quanto espaço salubre.

A revista “A Semana”, em agosto de 1921, trouxe um poema intitulado “O Bosque”, de autoria de Juca Bohemio, que demonstra o sentido atribuído a esse espaço de lazer na sociedade paraense. Nesse escrito, o Bosque é tratado como um local oportuno para os domingos de verão, um lugar aprazível, de belezas naturais e de alegrias para todas as idades, conforme uma de suas estrofes:

[...] Entre as arvores vendadas,  
Do verde que agrada a vista,  
Não há velho que resista,  
A alegria que allicae...  
Crianças endomingadas.  
Não no Bosque, aves em folga,  
E essa alegria hoje empolga,  
O mais sisudo papae [...]

(A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 175, 1921, p. 12)

Acompanhado ao poema “O Bosque”, estampou-se uma fotografia (Figura 9, à esquerda), que ilustra “interessante aspecto da ‘terrace’, em frente ao ‘bar’, domingo ultimo, pela manhã, com presença de vários cavalheiros e famílias da elite belenense” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 175, 1921, p. 12). Na publicação de setembro de 1921, a referida coluna registrou um dos domingos de visitação de lazer ao Bosque, representado pela imagem de “três graciosas senhorinhas” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 175, 1921, p. 23), em trajes de passeio, a caminhar pelas dependências do espaço, que se encontrava bem movimentado como de costume nas manhãs ensolaradas de domingo.

**Figura 8: Passeio no Bosque.**

**Figura 9: “O Bosque”.**



FONTE: “A Semana”, n. 179, 1921, p. 23      FONTE: “A Semana”, n. 175, 1921, p. 12  
As cenas de lazer e relações de sociabilidade, retratadas no Bosque Rodrigues

Alves, evidenciam que o espaço era frequentado por pessoas da classe econômica mais prestigiada, ou como a própria revista enuncia pela “elite belenense”, o que fica destacado pelo requinte das vestimentas dos homens, mulheres e crianças presentes nas imagens captadas aos domingos, enfatizando que o perfil dos frequentadores do Bosque, na sua criação “[...]consistia na classe elitista da cidade, atrelada à economia da borracha naquele momento” (CORRÊA, 2014, p. 82).

Os passeios de lazer nas praias também eram noticiados nas revistas, principalmente na revista “A Semana”, que possuía uma coluna intitulada “A Vida nas Praias”, que tinha a finalidade de registrar as personalidades e famílias que frequentavam as praias paraenses, e que ao mesmo tempo refletia a relação cidade e natureza. Em 1920, a revista publicou uma fotografia, em tal coluna, com a descrição: “Mile. Nahyr Mello Cesar e um grupo de amiguinhas, gosando brisa das praias” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 93, 1920, p. 13), na qual é possível notar um grupo posando em uma canoa, composto por seis meninas de diferentes idades, além de um menino na parte da frente da embarcação na companhia de um cão. Nessa edição, ainda se encontra a fotografia, Figura 11, de um grupo de moças e rapazes na praia do

**Figura 10: “A Vida nas Praias”.**



**Figura 11: “Praia do Murubira”.**



FONTE: “A Semana”, n. 93, 1920, p. 13    FONTE: “A Semana”, n. 93, 1920, p. 16

A bucólica Mosqueiro-PA, que faz parte da região insular da capital paraense, hoje distrito de Belém, era um dos destinos mais procurados pelas pessoas no período, ao ponto de ser a localidade mais registrada na revista “A Semana”. A ilha, a partir do ciclo da borracha, passou por alterações que reorientaram a relação homem natureza, com a instalação de edificações e serviços por empresas estrangeiras. Europeus e americanos começaram a ver Mosqueiro como lugar para passar o tempo livre, o que não demorou a ser imitado pela elite enriquecida pela extração do látex (MIRANDA, 2015), que construiu casas de veraneio, chalés, pontes e trapiches para dar conforto e facilitar o transporte.

A revista “A Semana”, em uma de suas publicações, expressou o sentido que possuía Mosqueiro, enquanto local para a vivência do lazer dos belenenses, ao noticiar que “com a vinda do verão [...] as famílias, como aves migradoras, buscam nas estancias balneares a delícia das praias (...) entre os retiros preferidos se destaca a Villa do Mosqueiro [...]” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 182, 1922, p.22).As praias do Chapéu Virado e do Murubira são as mais visitadas conforme os registros encontrados.

Os passeios em Mosqueiro eram realizados por famílias que possuíam chalés ou casas de praia, mas também por grupo de pessoas que se organizavam em excursão para desfrutar das belezas naturais e da paisagem bucólica das praias da ilha, hospedando-se em casa de terceiros ou partindo nas primeiras horas da manhã e voltando ao final do dia. Na edição de maio de 1922, “A Semana” publicou a imagem de excursionistas que foram visitar Mosqueiro, conforme Figura 12, evidenciando-se presença de um considerável grupo de pessoas bem trajadas e pertencentes as mais variadas faixas etárias, como crianças, jovens e adultos. Em 1924, foi estampado um “Grupo de encantadoras ‘Gils’ e ‘Boys’, de nossa sociedade, em alegre ‘pic-nic’ no Mosqueiro” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 332, 1924, p. 18).

**Figura 12: Excussão no Mosqueiro.**

**Figura 13: “Pic-Nic” no Mosqueiro.**



FONTE: “A Semana”, n. 213, 1922, p. 21    FONTE: “A Semana”, n. 332, 1924, p. 18

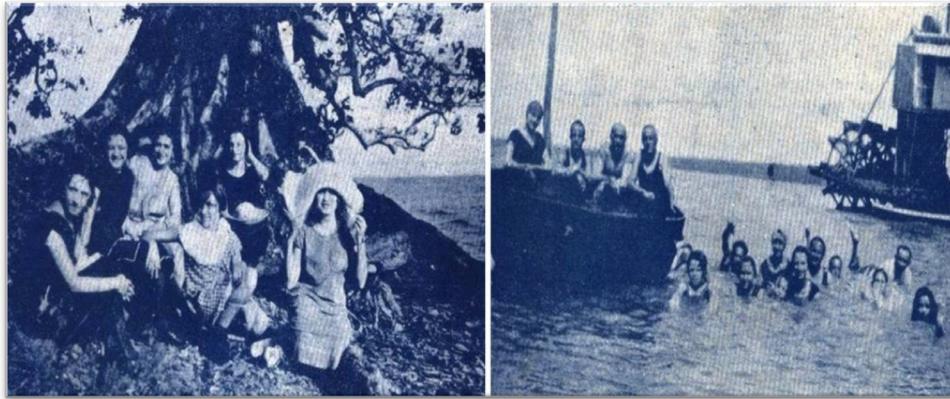
A revista “Belém Nova” traz em algumas edições uma coluna intitulada “Belém Nova no Marajó”, mostrando outro destino de passeio de lazer dos paraenses, cuja visita se dava tanto em excursão de grupos e famílias, quanto para passar temporadas em propriedades particulares, haja vista que algumas famílias da elite possuíam chácaras, sítios ou fazendas em terras marajoaras. O Arquipélago do Marajó é considerado a maior ilha flúviomarítima do mundo, sendo cercada por rios e pelo mar, que formam igarapés e rios, compondo belas paisagens em uma região rica em aspectos biológicos e culturais (MARIN, 2009).

Em uma das publicações do mês de novembro, de 1924, o impresso noticiou um “Gracioso grupo de ornamentos da nossa sociedade” (BELÉM NOVA, n. 26, 1924, p. 12), isto é, de moças que se encontram sentadas ao pé de uma grande árvore, com as águas de rio ao fundo, posando para fotografia por ocasião de uma excursão pelo Arary, Marajó-PA. Além de Cachoeira do Aray ou simplesmente Arary, tem-se registro de passeios em outros municípios marajoaras, como Joanes e Soure, que também possuem belas praias e paisagens naturais para serem apreciadas nos momentos de lazer.

Na mesma edição, a revista fez uma publicação que retratou um grupo de pessoas banhando-se em um dos rios do Marajó. Na cena, verifica-se a presença de pessoas de diferentes idades e sexos socializando-se em meio às águas. Os banhistas fazem parte de duas famílias, os “Nerydas e Tristões”, conforme a legenda da fotografia. Essas, provavelmente, pertencentes à elite da sociedade paraense, haja vista o destaque dado aos seus sobrenomes. Além disso, esse tipo de passeio não era tão acessível aos mais pobres, já que pela distância o deslocamento e a estadia se tornavam custosos.

**Figura 14: Excursão no Marajó.**

**Figura 15: Banhistas no Marajó.**



FONTE: “Belém Nova”, n. 26, 1924, p. 12    FONTE: “Belém Nova”, n. 26, 1924, p. 18

Os sentidos atribuídos aos passeios e excursões nas praias das regiões insulares de Belém, as quais faziam com que famílias se direcionassem inteiras no seu tempo livre, convergiam para a fuga do espaço urbano e pelo encontro com a natureza, na busca de afastar do calor, banhar, descansar, recrear, fazer pic-nic, entre outros, em uma nova lógica entre cidade e natureza. As duas primeiras décadas do século XX, “[...] marcam sobremaneira essa procura e encantamento, dando ênfase ao contraste entre o peso da vida urbana e a leveza dos tempos vividos nas praias, compondo assim a imagem da vida junto à natureza como complemento à vida urbana” (DIAS, 2014, p. 229).

### **Nos Teatros, Cinemas e Circos: A Sociabilidade Gerada pela Arte**

As manifestações de lazer também se faziam presentes nas informações de visitas aos museus, exposições de arte, peças de teatro, companhias de dança, cinema, circo, bailes de clubes e jantares. Dentre os locais mais utilizados para tal, nas fontes dessa pesquisa, destaca-se o “Theatro da Paz”, “Palace Teatro”, “Teatro Variedades”, “Teatro Avenida”, “Teatro Moderno” e “Cine Olympia”. A revista “A Semana”, de outubro de 1925, noticiou a movimentação e efervescências cultural da cidade de Belém no período: “Os cinemas, os theatros, tudo literalmente cheio, e a terrase do Grande

Hotel, povoada de muita gente chic, de muitos sorrisos lindos [...]” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 391, 1925, p.17).

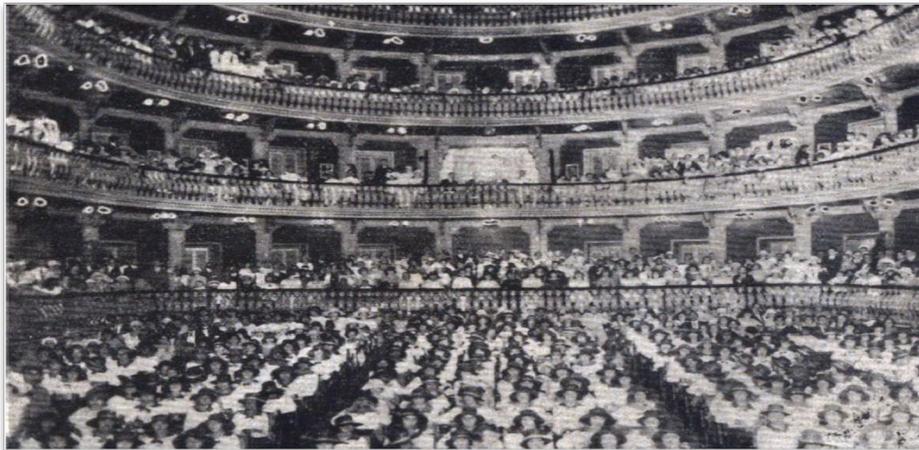
O Teatro Moderno se apresenta como um dos espaços mais citados e utilizados para o lazer na Belém nos anos 20, tendo em vista que por quase todo ano há informações sobre os espetáculos que aconteciam. A revista “A Semana”, na primeira edição de 1921, registrou a “aclamada apresentação” do “Grupo Infantil as Belemitas”, que apresentaram em “bailados orientais a linda pastoral ‘Celestial Prestígio’” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 95, 1920, p. 21), que foi encenada e muito prestigiada e aplaudida pelos membros da sociedade.

Nos teatros, ainda, ocorriam exposições de arte de um modo geral, como pinturas, esculturas, arquitetura e artes aplicadas. O imponente “Theatro da Paz”, criado em 1878, com a ascensão econômica e cultural pelo qual a cidade de Belém passou foi um dos espaços de maior expressividade para a elite, que o via como local de diversão, socialização e contato com a cultura européia. Em anúncio de divulgação da revista “Belém Boa Nova”, do ano de 1924, tem-se registro de umas dessas exposições: “IV Exposição Geral de Bellas Artes – Inaugurada em 3 de Maio no Foyer do Theatro da Paz” (BELÉM NOVA, n.14, 1924, p.14-15).

O teatro, além disso, costumava ser utilizado para formaturas: “[...] Basta assinalar-se que o Theatro da Paz, onde tem sido realizada a solenidade da entrega dos diplomas às professoras normalistas, toma um aspecto sem igual, pela assistência vultosa que lhe enche os camarotes, as frisas, as varandas, etc. [...]” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 262, 1923, p. 15). Em 1924, na revista “Belém Nova”, fez-se o registro da “Festa das Normalistas”, destacando “a selecta e numerosa assistência no acto de collação, vendo-se no camarote official, o Governador do Estado

e altas auctoridades” (BELÉM NOVA, n. 14, 1924, p. 17), refletindo o aspecto festivo, solene e grandioso desses momentos.

**Figura 16: Festas das Normalistas no Theatro da Paz.**



FONTE: “Belém Nova”, n. 14, 1924, p. 17

Os teatros também atraíam muitos expectadores para assistirem às apresentações circenses, estreladas por trupes de circos de outros países que passavam pela capital paraense. No ano de 1920, a revista “A Semana” noticiou a estreia do “Grande Circo Santos y Arntigas, no Palace-Theatro” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n.117, 1920, p. 16-17), dando destaque para os artistas do espetáculo: domadores de leões, equilibristas sobre bambus, malabaristas com pombos amestrados, palhaços, bem como o três de 30 vagões que trouxe a o circo para a cidade.

Figura 17: Atrações do “Grande Circo Santos y Artigas”.



FONTE: “A Semana Revista Ilustrada”, n. 117, 1920, p. 16-17

Em 1925, “A Semana” publicou o anúncio do “Circo Europeu”, que há dias estava em cartaz no “Palace Theatro”, que possuía excelente conjunto artístico, entre acrobatas e malabaristas, “[...] Há, ali, verdadeiros artistas. Sem desdouro para os demais é justo destacar os trabalhos da trupe Gomes, perfeitos aramistas, talvez os melhores que tenham vindo ao Pará, bem como os Marroce” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 362, 1925, p. 27).

O cinema se constituía uma prática de lazer muito requisitada na sociedade belenense, tendo o Cine Olympia, criado em 1912, como um dos espaços mais concorridos do período. A revista “A Semana” destinava, em suas edições, uma página inteira para fazer a divulgação do filme a ser exibido na semana (figuras 18 e 19), seguindo os mais variados gêneros. Dentre os filmes exibidos se podem citar: “Harold Lloyd” (o festejado cômico da moda! – 1923), “O Raio da Morte” (cenas impressionantes, desenvolvendo um enredo que comove -1925), “Tom Mix: a metralhadora humana” (Extraordinárias aventuras! – 1926) e a “Morta para o mundo” (o filme que assombrou o universo e que assombrará o Pará – 1929).

Figura 18: “Filme a Chave de ouro”. Figura 19: Filme “Venus Mergulhadora”.



FONTE: “A Semana”, n.538, v.10, 1928, p. 36 FONTE: “A Semana”, n.559, 1929, p. 36.

Compunha a estrutura do Cine Olympia uma sala de espera, uma de projeção e uma sala para a realização de concertos (SARGES, 2010), ambientes marcados pelo requinte e elegância. Nele as “[...] soirées” da moda, as sedctoras interpretes da scena muda, levam a sala de projecções do Olympia, toda a gente chic de Belém” (A SEMANA REVISTA ILLUSTRADA, n. 179. 1921, p. 21). Caracterizava-se, desse

modo, como um local propício para a ostentação de homens e mulheres da elite, haja vista que a porta de entrada da sala de projeção ficava pela parte da frente, facilitando, assim, o desfile de adereços, calçados, chapéus, joias, ternos e vestidos importados da Europa.

As vivências de lazer dessa pequena parcela da sociedade, portanto, envolviam “[...] o prazer em ostentar suas riquezas publicamente, em espaços agregadores de pessoas com igual poder aquisitivo” (FRANÇA, 2018, p.97). Ou seja, os membros da sociedade paraense, compartilhavam locais de sociabilidade, acompanhados “[...] por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p. 64), revelando ser este um dos traços mais marcantes da elite paraense, na Belém das primeiras décadas do século XX.

### **Considerações Finais**

Investigar as práticas de lazer em uma Belém das primeiras décadas do século XX, é se deparar com registros de uma cidade que respirava arte e cultura, que recebia atrações e espetáculos de cunho nacional e internacional, em belas e requintadas construções, produtos das transformações políticas e econômicas da *Belle Époque*. É identificar, ainda, as alterações na relação cidade natureza decorrentes desse contexto, no qual os aclamados ventos da modernidade, que sopraram progresso e civilização, intensificaram a busca pela natureza como fuga do ritmo, da rotina e da paisagem da cidade, a fim de afastar o tédio, restaurar as energias e regozijar a alma, no tempo livre das obrigações.

Refletir sobre o lazer no período em questão é também pensar sobre a diferença de condições entre ricos e pobres no acesso aos bens construídos pela humanidade, já

serviam igualmente a todos, e sim a uma pequena parte “aburguesada” da sociedade, composta por uma elite enriquecida pela exploração da força de trabalho dos menos favorecidos. Por outro lado, é compreender que a população pobre resistia, inventava, criava e recriava as suas vivências de lazer nas tradições populares, que possibilitavam o brincar, festejar, batucar, dançar, encenar, fruir de maneira mais alegre, livre e descomprometida no seu tempo livre.

Atualmente, em pleno século XXI, a charmosa Belém de outrora vem perdendo traços refinados de seu passado. Parte das belas construções já ruiu ou está ruindo pela ação do tempo e pelo descaso do poder público, que finge não saber do valor da memória de uma sociedade. Aliada a isso, a cidade foi transformada pela urbanização e pelas mazelas decorrentes do crescimento desordenado, o que incidiu diretamente na relação cidade e natureza, assim como na reconfiguração das práticas de lazer e sociabilidade. De semelhante, na capital paraense, como em tantas outras do país, ainda se percebe diferenças no acesso ao lazer, que mesmo se tornando direito constitucional, ainda é desigual. Espetáculos teatrais, shows, concertos, clubes, balneários, cinema, ainda são opções de lazer mais facilitadas para quem pode pagar; na outra ponta, a maioria da população ainda resiste, inventa, cria e recria suas vivências de lazer e sociabilidade nas periferias da capital paraense.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, Mirleide Chaar; FIGUEIREDO, Silvio Lima. Os Espaços Verdes e os Equipamentos de Lazer: um Panorama de Belém. *Licere*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.1-17, ago. 2008.

**BELÉM NOVA.** Belém: Empreza Belém Nova, n.14, v.1, 17 maio. 1924. 30p.

\_\_\_\_\_. Belém: Empreza Belém Nova, n.15, v.1, 31 maio. 1924. 36p.

\_\_\_\_\_. Belém: Empreza Belém Nova, n.17, v.1, 28 jun. 1924. 31p.

\_\_\_\_\_. Belém: Empreza Belém Nova, n.18, v.1, 28 jul. 1924. 30p.

\_\_\_\_\_. Belém: Empreza Belém Nova, n.26, v.1, 29 nov. 1924. 28p.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CORREA, Homero Vilar. A Representação Social de Áreas Verdes em Cidades: o caso do Bosque Rodrigues Alves - Jardim Botânico da Amazônia. **Revista Margens Interdisciplinar.** v. 8, n. 11, p. 70-88, ago. 2014.

COSTA, Tony Leão da. Carnaval e música carnavalesca em Belém do Pará: tradições e hibridismos. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 18, n. 32, p. 75-92, jan.-jun. 2016.

CRUZ, Ernesto. Costumes e tradições – Festas de São João. *In:* **Belém:** aspectos geosociais do Município. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DIAS JÚNIOR, José do Espírito Santo. **Cultura popular no Guamá:** um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, 2009.

DIAS, Douglas da Cunha. Cidade e natureza: as águas relendo uma Belém da *Belle Époque* (1870 aos anos iniciais de 1910). **URBANA:** Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, v. 8, n. 2, p. 233-253, 11 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. **Quem te margeia conta de ti:** educação do corpo na Belém do Grão Pará (de 1855 à década de 1920) 2014. 484 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2014.

FRANÇA, Jéssika. Espaços públicos **de lazer e cidade desdobramentos em Belém – PA,** o caso orla portal da Amazônia. 2018. 362f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, 2018.

GARCÍA, Maria Dolores Saíz; ARAGONÉS, Juan Francisco Fuentes. La prensa como fuente histórica. *In:* ARTOLA, M. **Enciclopédia de história de España.** Índice. Madrid: Alianza, 1993.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, 2003.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Quilombolas na ilha de Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 209-227.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em Festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Jardins botânicos do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MIRANDA, Leila Mourão. **Cidades, águas e ilhas no estuário amazônico**. Labor e Engenho, v. 9, n. 2, p. 81-92, 24 jun. 2015.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3. ed. Belém: IAP: programa Raízes, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870)**. Belém: Paka – Tatu, 2010.

\_\_\_\_\_. **Memórias do “Velho Intendente” Antonio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

**A SEMANA**: revista ilustrada. Belém: [s.n.], n. 92, v.2, jan 1920. 22p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n. 93, v.2, jan 1920. 24p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.95, v.2, jan. 1920. 22p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.99, v.2, fev. 1920. 24p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n. 114, v.3, jun 1920. 34p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.117, v.3, jul. 1920. 34p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.126, v.3, jan. 1920. 30p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.127, v.3, set. 1920. 32p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n. 129, v.3, set 1920. 28p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.175, v.4, ago. 1921. 35p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.179, v.4, jul. 1921. 26p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.180, v.4, set. 1921. 36p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.182, v.4, out. 1921. 32 p.

\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.183, v.4, out. 1921. 33p.

- \_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.184, v.4, out. 1921. 30p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.187, v.4, jun. 1921. 24p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.213, v.6, jul. 1922. 27p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.262, v.6, abr. 1923. 44p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.332, v.7, ago. 1924. 56p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n. 354, v.7, jan 1925. 60p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.362, v.7, mar. 1925. 56p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.391, v.7, out. 1925. 51p.  
\_\_\_\_\_. Belém: [s.n.], n.538, v.10, ago. 1928. 36p.

**A SEMANA:** revista ilustrada. Belém: [s.n.], n.559, v.10, jan. 1929. 36p.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In:* SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: da belle époque à era do rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v.3.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *In:* VELHO, Otávio (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

#### **Endereço dos Autores:**

Wellington da Costa Pinheiro  
Universidade Federal do Pará – Campus Profissional  
Rua Augusto Corrêa, n. 1, Guamá  
Belém – PA – 66.075-110  
Endereço Eletrônico: [welingtoncpinheiro@hotmail.com](mailto:welingtoncpinheiro@hotmail.com)

Douglas da Cunha Dias  
Universidade Federal do Pará – Campus Profissional  
Rua Augusto Corrêa, n. 1, Guamá  
Belém – PA – 66.075-110  
Endereço Eletrônico: [douglasdc\\_dias@hotmail.com](mailto:douglasdc_dias@hotmail.com)

Lucília da Silva Matos  
Universidade Federal do Pará – Campus Profissional  
Rua Augusto Corrêa, n. 1, Guamá  
Belém – PA – 66.075-110  
Endereço Eletrônico: [luciliasmatos@gmail.com](mailto:luciliasmatos@gmail.com)

Mirleide Chaar Bahia  
Universidade Federal do Pará – Campus Profissional

Rua Augusto Corrêa, n. 1, Guamá  
Belém – PA – 66.075-110  
Endereço Eletrônico: mirleidebahia@gmail.com